

A LOUCURA E A RELAÇÃO COM O OUTRO EM O REINO DE GONÇALO M. TAVARES

MADNESS AND THE RELATIONSHIP WITH THE OTHER IN THE
KINGDOM BY GONÇALO M. TAVARES

Resumo: *A literatura, muitas vezes, se propõe a compreender ou problematizar a realidade. Gonçalo M. Tavares é um escritor português contemporâneo que incentiva a reflexão sobre temas diversos, e em sua tetralogia O Reino, se propõe a analisar a relação entre o eu e o outro, diante de comportamentos sociais atípicos que, numa realidade de guerra e de pós-guerra, geram atitudes extremas. Desse modo, o conceito de loucura é questionado ao longo desta obra e conceitos de Freud (2012) e de Foucault (1978) podem auxiliar a compreender melhor a complexidade das ações humanas neste contexto conflituoso.*

Palavras-chave: loucura; filosofia; psicologia, Gonçalo M. Tavares

Abstract: *Literature often proposes itself to understand or question reality. Gonçalo M. Tavares is a contemporary Portuguese writer who encourages reflection on various topics, and, in his tetralogy The Kingdom, aims to analyze the relationship between the self and the other, before atypical social behaviors that, in a reality of war and postwar, generate extreme attitudes. That way, the concept of madness is questioned throughout this work and concepts by Freud (2012) and Foucault (1978) may help to better understand the complexity of human actions in this conflictual context.*

Keywords: madness; philosophy; psychology, Gonçalo M. Tavares.

Gonçalo M. Tavares e o diálogo com outras áreas

A literatura apresenta questionamentos sobre o ser humano, possibilitando reflexões acerca da realidade e de si mesmo, sem buscar respostas únicas que reduzam a complexidade dos fatos. E nesta busca pelo saber, na tentativa de ampliar as suas próprias perspectivas, muitas vezes, transcende as suas fronteiras, aproximando-se de outros campos de estudo, interagindo com outros textos e outras formas de manifestação cultural.

Gonçalo M. Tavares, escritor português do século XXI, é conhecido por suas narrativas variadas, em que utiliza diferentes gêneros: romances, ensaios, poemas, epopeia, investigações, teatro, ainda que não os classifique segundo uma tipologia habitual. Seus livros são muito distintos entre

si, como se tivessem sido escritos por diferentes autores. “Eu penso que há infinitas formas de escrita literária. De certa maneira, a minha intenção é experimentar vários caminhos: um caminho trágico, um caminho lúdico, um caminho de escrita rápida...”, como o escritor esclarece em entrevista para o site G1. (TRIGO, 2014).

Tavares se autodenomina um leitor em potencial, transformando o ditado chinês em uma maldição: “não te atrevas a escrever um livro antes de ler mil.” A leitura seria um preâmbulo da escrita, uma bagagem obrigatória que permite que o escritor perceba melhor o que está fazendo, inovando através da consideração do que já foi produzido.

T.S. Elliot (1972) também exprime esse sentido histórico da produção literária, evidenciando que cada escritor não trabalha apenas com o fluxo de sua geração, mas com o peso de toda a literatura, desde Homero, que coexiste com seu texto e, dessa forma, o autor deve integrar-se a essa ordem. Ainda que um escritor seja avaliado por seus aspectos individuais, seus antecessores estão na gênese desse processo. Tavares em entrevista à Folha de São Paulo (FLÁVIO, 2014) salienta que o escritor precisa ser capaz de olhar para trás e para frente, simultaneamente, na tentativa do todo, pois, somente dessa maneira, poderá escrever um texto sem pensar que está inaugurando a literatura. Para isso, é fundamental conhecer as marcas que os anteriores deixaram no espaço e no tempo, antes de seguir o seu caminho, pois não se está no início, nem no final, e sim no meio.

Os escritos de Gonçalo edificam diversos olhares, sobre ângulos distintos, desde o riso solto de temas leves, como sua releitura da vida fictícia de escritores famosos presente na série *O Bairro*, até a seriedade e a reflexão sobre a subjetividade dos sujeitos após duas guerras mundiais na tetralogia *O Reino*. Sua produção dialoga com diversas áreas do conhecimento, como a própria literatura, a filosofia, a história, a geografia, a dança e o teatro. E essa multiplicidade de temas fez com que multiplicassem estudos que o aproximam de outros autores já consagrados, como Michel Foucault, José Saramago, Franz Kafka, Fernando Pessoa (Álvares de Campos). A obra tavariana também deu origem, em diferentes países, a peças de teatro, curtas metragens, objetos de artes plásticas, óperas, performances, projetos de arquitetura, teses acadêmicas.

Gonçalo Tavares, nestes estudos de ordens tão diversas, é reconhecido como um escritor que busca a lucidez através da literatura e, por isso, o presente trabalho analisa a tetralogia de Gonçalo M. Tavares segundo a problemática da loucura como uma anormalidade no comportamento social segundo conceitos de Foucault (1978) e Freud (2012).

Os livros pretos

Ultrapassando os limites geográficos portugueses, com textos publicados em quase cinquenta países, Gonçalo recebeu prêmios dentro e fora de Portugal. Uma de suas obras de destaque é a tetralogia *O Reino*, também conhecida como “livros pretos”, assim nomeados devido a primeira edição portuguesa exprimindo esta configuração estético-visual, ou seja, capa e contracapa negras, com as referências bibliográficas em branco. A coletânea é composta por *Um Homem Klaus Klump* (publicado em Portugal em 2003), *A máquina de Joseph Walser* (publicado em Portugal em 2004), *Jerusalém* (também publicado em Portugal em 2004) e *Aprender a rezar na Era da Técnica* (publicado em Portugal em 2007).

O escritor português se propõe a analisar o ser humano em situações limites, como a guerra e a loucura, mas nega que seus “livros pretos” retratem a descrença na humanidade, pois compreende que a maldade e a bondade são elementos inerentes a todo ser humano, como “dois motores em funcionamento”. (VICTOR, 2010). Tavares alerta para a necessidade da reflexão sobre a natureza humana, que não é binária, bons *versus* maus, uma vez que ações devem ser pensadas a partir de sua complexidade.

Para Gonçalo (ibidem), o exemplo mais concreto de que o bem e o mal são categorias complementares foi registrado no Holocausto, pois a racionalidade e a inteligência dos cientistas que construíram os campos de extermínio foram utilizadas em ações de intensa brutalidade. Gonçalo Tavares evidencia que esse fato desconstruiu a possibilidade de percepção do ser humano como um ícone de perfeição: “Me parece que depois disso não podemos escrever livros ingênuos e inocentes” (VICTOR, 2010). E como Galeano (1999) salienta, é necessário lembrar do passado para libertar (nos) de suas maldições e desprender o futuro de suas armadilhas.

A loucura: de Foucault a Tavares

Em *História da Loucura na Idade Clássica* (1978), Michel Foucault se propõe a estudar minuciosamente a exclusão dos seres tidos como “anormais”, alicerçada no povoamento dos antigos leprosários por aqueles que eram denominados incuráveis. Mais do que garantir esse espaço específico da exclusão a todos que ainda não eram compreendidos por seu comportamento estranho ou desregrado, a intenção era propor sua reintegração social e espiritual. “Fato curioso a constatar: é sob a influência do modo de interramento, tal como ele se constituiu no século XVII, que a doença venérea se

isolou, numa certa medida, de seu contexto médico e se integrou, ao lado da loucura, num espaço moral de exclusão”(FOUCAULT, 1978, p.12).

Foucault revela a vivência errante dos loucos. Figuras incômodas à sociedade europeia do século XV, que sofriam uma prática comum de deslocamento forçado de uma cidade para outra, levados por grupos de mercadores ou peregrinos. Quando conseguiam um alojamento, era um espaço mútuo à detenção, onde seguem abandonados, pois representam o anúncio de uma chegada imediata da morte, precedida pelo riso macabro do insano.

Segundo Foucault (1978), a loucura era a condutora das fraquezas humanas, exprimida através do desespero, da luxúria, da cólera e da inconsciência. E em sua tetralogia, Tavares apresenta uma sociedade moderna (pós Segunda Guerra Mundial) que ainda não compreende nem sabe lidar com essas patologias mentais.

A obra que introduz *O Reino*, já nas primeiras páginas, apresenta o cenário da guerra que toma conta da narrativa, sem a definição de um local específico, como se aproximasse de qualquer lugar, ou de todos os lugares. É uma visão do mundo remodelada pelo autor, transfigurando a realidade histórica das guerras e criando um novo universo para aquela cidadezinha sem nome nem localização definida. Não é a transposição da história para o plano literário, mas uma resignificação do contexto vivido, aproximando-o do cotidiano e da atualidade.

A guerra se instaura e muda completamente a maneira de viver, as histórias das personagens, e em meio ao caos estabelecido com esta invasão, surge a personagem Catharina, mãe de Johana, que desde a primeira descrição é apresentada como louca, incapaz de gerir os próprios atos:

A mãe de Johana era uma mulher louca. Interrompia de modo grande a vida normal, e as pausas eram alucinações. A mãe de Johana tinha uma vez feito a si própria uma ferida no sexo, com uma lâmina. Desde esse dia a família percebeu que não era possível ela existir num dia intacto, sozinha. Tinham medo dela” (TAVARES, 2007, p.15).

Mas seu único vício era flagelar-se, não fazia mal a ninguém além de si mesma, confinada em sua própria existência, às vezes, gritava. Mas diante de seus arroubos, água quente nas mãos lhe acalmava. Quando estava feliz, sentava em uma cadeira, depois noutra e assim sucessivamente.

Foucault (1978) pondera que não foi na Idade Clássica que a loucura foi vista como detentora de uma verdade oculta. No entanto, na obra de Tavares, Catharina alterna ações insanas com pensamentos muito lúcidos. Apesar de seu pensamento ingênuo de tentar interferir nas máquinas com a ponta de

uma agulha mergulhada em água fervente e essa sua mania de espetar tudo o que via com este objeto, ela analisava as atividades dos tanques inimigos. “Dizia que os tanques tinham inúmeras fendas. Ela queria consertar os tanques. Fazê-los disparar mais lentamente. Ou então fazê-los disparar ao contrário, para dentro. Com uma agulha posso fazer a guerra rebentar para dentro, em vez de para fora, dizia Catharina” (TAVARES, 2007, p.17).

Claro que com sua agulha não conseguiria tal efeito, mas sabia que somente alterando essa velocidade do conflito, ou mudando o rumo de sua força é que, de alguma maneira, seria possível interferir no combate. Para Foucault (1978), a loucura se torna uma estrutura que se contrapõe à razão, estabelecendo uma relação de reversibilidade, afinal na loucura existe uma lógica e, por assim dizer, uma razão; da mesma maneira que aração também pode demonstrar insensatez até construir a sua verdade. “Cadauma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca, elas se recusam, mas uma fundamenta a outra (FOUCAULT, 1978, p.35). Dessa forma, torna-se perceptível que a loucura também pode revelar verdades.

O conflito bélico instaura manias, desvios e traumas em diversos personagens, entretanto, somente Catharina e, após a sua morte, sua filha Johana, são diagnosticadas como loucas no primeiro livro da série. Johana, que não tem mais ninguém com quem contar, ficará reclusa no hospício até o fim da sua vida, esquecida e enclausurada.

Joseph Walser: manias, obsessões e alienação

A segunda obra da tetralogia, *A Máquina de Joseph Walser*, traz um protagonista bastante desprestigiado por aqueles que o cercam. Margha considera o marido como uma pessoa estranha, enquanto Klobero percebe como um estúpido, incapaz de perceber sem explicações. Joseph Walser é alheio a tudo, refugia-se com frequência em seu mundo particular, universo da sua coleção, composta por mais de cinquenta prateleiras com objetos catalogados e etiquetados, todos com menos de dez centímetros de altura, largura ou comprimento, sem nenhuma utilidade, mas com grande valor afetivo. É uma fixação que o leva para o ambiente da calma e da alegria, pois segundo Freud, é observável que o ser humano, muitas vezes, “(...) se agarre aos seus objetos e obtenha a felicidade a partir de uma relação afetiva com eles” (FREUD, 2012, p.73).

Joseph Walser é o anti-herói que jamais pretendeu ou mereceu qualquer destaque. Seu único divertimento é jogar dados com os colegas na casa de Fluzst, entretanto, neste ambiente também mantém seu comportamento resignado de não responder ao chefe, não contrariar a esposa, aceitando,

conformado, os resultados, obedecendo sempre, mesmo que seja a sorte e o azar. Joseph Walser é ingênuo, muitas vezes, beira a apatia, pois até mesmo nos momentos extremos de instabilidade, permanece inerte, como no dia em que saíra mais cedo do jogo e flagrara sua mulher de madrugada na rua, e tem a convicção de que está lhe traindo.

Ele fica abalado com a notícia, pensa, mas não age. Procura o endereço na lista telefônica e descobre que o amante da esposa é o seu encarregado. Guarda consigo a descoberta, esconde suas emoções como o faz com a coleção, fechada a chave em seu escritório. Não reage quando Klobe confirma que dorme com Margha, muito menos quando esta desabafa suas decepções pelo amante não a querer mais. O encarregado sempre tenta desestruturá-lo com seus discursos, em que simultaneamente elogia e humilha o empregado. É como se Joseph Walser não sentisse, ou recolhesse todos os seus impulsos de resposta dentro de si, uma apatia reprimida que escondia diversos conflitos.

A vida de Joseph Walser muda quando seu casaco engancha na máquina e ele perde o dedo indicador da mão direita. Sua obsessão pela coleção é tão grande que, mesmo no hospital preocupara-se em encontrar uma peça. Se Joseph Walser vê o ser humano como uma coisa, uma máquina, seu dedo foi um utensílio irrecuperável, mas seu mecanismo seguiu funcionando, adaptou-se. Seu dedo também teria as medidas para ser adicionado a sua coleção metálica, mas essa peça foi perdida, não foi encontrada como as demais. Por fim, era a sua coleção absurda que o tornava diferente dos outros.

De volta ao trabalho, precisa desempenhar outra função, sente falta de sua máquina e se culpa por isso, pois foi um descuido seu que o afastou de sua antiga função. “O trabalho alienado aliena a natureza do homem, aliena o homem de si mesmo, o seu papel ativo, a sua atividade fundamental (...)” (MARX, 2003, p.116). Este é Joseph Walser, estranho a si próprio, desumanizado, apiedado com a máquina que lhe amputou o dedo, aceita as decisões do sistema e de seu funcionamento.

O empregado queria manter-se apenas como testemunha, não almejava ser um grande homem. Entre as personagens principais da tetralogia, Joseph Walser se distingue por não ter a pretensão de conseguir prestígio em seu ofício, nem socialmente. “É impossível escapar à impressão de que os seres humanos geralmente empregam critérios equivocados, de que ambicionam poder, sucesso e riqueza para si mesmos e os admiram nos outros enquanto menosprezam os verdadeiros valores da vida” (FREUD, 2012, p.41). Joseph Walser cultuava os próprios valores, que passavam pela obsessão, pelo egocentrismo e pelo alheamento.

Cabe aqui relacionar o nome do personagem Joseph Walser e a figura histórica do escritor Robert Walser, o qual viveu em uma instituição de tratamento mental. Walter Benjamin (1985) compreendia que os personagens criados por Robert Walser estavam imbuídos de loucura “e por isso sobrevivem numa superficialidade tão despedaçadora, tão desumana, tão imperturbável.” (BENJAMIN, 1985, p.52). O personagem homônimo de Tavares, Joseph Walser, assim como os personagens de Robert, são impenetráveis em sua simplicidade, evitam sucesso, alegres em suas inquietações, alheios à decadência, acabam por se aproximar. Poderia ser essa mais uma homenagem do Gonçalo Tavares, da mesma maneira que realiza na sua série *O Bairro*, a ação de ficcionalizar os escritores que admira, brindando-os de maneira não biográfica, ao contrário, criativa, imaginativa.

O personagem Joseph Walser não entende seu encarregado, nem o que diz, muito menos o que almeja, pois para o empregado, a vida é seguir o que já foi pré-determinado, não questiona sua rotina, nem as atitudes alheias. “Há alguns poucos homens aos quais não é negado o respeito de seus contemporâneos, ainda que a sua grandeza resida em qualidades e realizações inteiramente alheias às metas e aos ideais da multidão” (FREUD, 2012, p.41).

Joseph Walser não se deixava levar por sentimentos, não odiava nem era odiado, não praticava maldades, mas também não estabelece vínculos de amizade e de amor. Os colegas o humilham pela falta do dedo, por ele ser traído, menosprezam a sua amante, e ele sempre inativo. Apenas por sua coleção demonstra afeição, a ponto de roubar a fivela de um cadáver estendido no meio da rua com o auxílio do militar Hinnerk Obst (personagem de *Jerusalém*).

A felicidade de Joseph Walser está em seu universo paralelo de sua coleção, é seu refúgio, seu segredo, sua realização, e dessa forma, demonstra sua percepção alienada de sua realidade.

Aquilo que em seu sentido mais estrito é chamado de felicidade surge antes da súbita satisfação de necessidades repressadas em alto grau e, segundo sua natureza, é possível apenas como fenômeno episódico. Toda permanência de uma situação anelada pelo princípio de prazer fornece apenas uma sensação tépida de bem-estar; somos feitos de tal modo que apenas podemos gozar intensamente o contraste e somente muito pouco o estado” (FREUD, 2012, p.63).

Joseph não desenvolve interações sociais de importância, sua euforia ocorre apenas na construção de sua coleção. É segundo seu isolamento, em que não desenvolve pleno convívio nem com os colegas de trabalho, muito

menos com a esposa ou a amante é que se percebe, em seu retiro e solidão, a sua loucura, de manter um relacionamento passional com as máquinas e suas peças e não com os seres que o cercam.

Jerusalém: o espaço do hospício e a domesticação dos instintos

Jerusalém é o terceiro livro da série, que iniciacom a tentativa frustrada de suicídio de Ernst Spengler, pois lhe chamam por telefone, ele desiste e sai ao encontro de Mylia, sua ex-namorada, que sofria de dores abdominais e estava desmaiada dentro da cabine telefônica.

Assim como os outros livros da tetralogia, *Jerusalém* evidencia a dualidade entre o individualismo e a necessidade do outro. Cada personagem é independente, mas necessita de alguém que o fortaleça. É Mylia quem declara: “Ajo para mim, atuo como se vivesse em frente ao espelho. Egoísmo, ou afinal, boa economia dos impulsos” (TAVARES, 2011, p.12).

Mas diante do perigo, Myliachama Ernst, que, por sua vez, desiste do suicídio. Hannah cuida de Hinnerk, mas também não tem quem cuide de si mesma. Ou ainda, o doutor Busbeck, que investe anos em seu estudo tentando compreender a mente humana e suas consequências trágicas, mas acaba completamente sozinho no final da narrativa, sem entender a si próprio, a ex-mulher, ou ao seu filho adotivo. Freud (2012) salienta esse equilíbrio dinâmico entre ‘eu’ e ‘outro’, autonomia e submissão, em que não é possível isolar-se por completo, pois a relação com os iguais está na gênese da sociedade:

A aspiração pela felicidade é egoísta, mas está em contato com a aspiração pela união com a comunidade que é altruísta. A cultura restringe, põe regras nas ações individuais, é a ética que rege os seres humanos entre si. (...) é assim que os dois processos de desenvolvimento, o individual e o cultural, têm de se hostilizar e disputar o terreno um do outro (FREUD, 2012, p.176).

O convívio pode ser conflituoso, ainda mais no espaço desta obra, em que a guerra já acabou, mas deixou terríveis marcas nos sobreviventes. Theodor, mesmo conhecendo os comportamentos de uma mente que fugia aos padrões de normalidade, resolveu casar-se com sua ex-paciente, Mylia. No oitavo ano de casamento, ela ficou mais agressiva e ele a internou no mesmo hospício de Johana. Concomitantemente, o psiquiatra estuda as cenas de horror, em que um povo forte vitimou outro que não tinha a menor

possibilidade de defesa. Devido às descrições dos assassinatos, percebe-se a relação imediata e incontestável com o Holocausto. O dr. Busbeck tinha o hábito de olhar as fotografias da guerra e pensar que o sofrimento daqueles cadáveres o distanciavam dos demais humanos, mas Tavares evidencia que o homem carrega consigo, simultaneamente, o atributo de sofrer e fazer sofrer, de constranger ou submeter-se, e refletir sobre esse dualismo pode conduzir ao progresso de uma compreensão de si mesmo e da humanidade.

A pesquisa do personagem Theodor é bastante ambiciosa e pretendia estudar a relação entre o horror e o tempo, para descobrir se a vontade de aniquilar o outro que não tinha nenhuma forma de proteção aumentava ou diminuía ao longo dos anos. O psiquiatra acreditava que, se fosse capaz de prever esta fórmula, seria possível combater esse tipo de ação. Ele trabalharia objetivamente com dados históricos, buscando a totalidade do comportamento humano e tinha esperança que sua pesquisa revelasse resultados otimistas para um longo período de tempo.

Estas ideias vão ao encontro da visão freudiana que “apresenta a paisagem da nossa cultura como marcada pela violência, por um impulso incontrolável de agressão que põe por água abaixo a visão humanista e iluminista do homem racional como o centro do mundo e do coroamento da natureza. Segundo Márcio Seligmann-Silva, em seu artigo introdutório ao livro *O mal estar da cultura* de Sigmund Freud “A cultura ou a sublime guerra entre amor e morte”, “o homem freudiano não carrega coroa alguma; ele na verdade carrega essa natureza dentro de si e nunca poderá dominá-la” (FREUD, 2012, p.34).

De acordo com Seligmann-Silva (ibidem), “a consciência moral é parte essencial, ao lado do sentimento de culpa, de nosso mal estar atávico”. Todavia, a loucura, ou a fuga da realidade pode interromper esse processo, como nos mostra Hinnerk, que mata Kaas e sente um alívio muito grande, em que não evidencia qualquer julgamento moral, muito menos sentimento de culpa.

Ainda segundo Freud (2012), a consciência moral (criada pela renúncia aos impulsos), vigia e julga os atos e intenções do eu, exerce uma atividade censora), renuncia aos impulsos, promovendo o sentimento de culpa. Mas e quando essa consciência foi deturpada pelos horrores extremos vividos numa situação de guerra, como foi o caso do ex-militar? “Com frequência, o mal não é de modo algum aquilo que é prejudicial ou perigoso para o eu, mas, ao contrário, também algo que ele deseja e lhe dá prazer” (FREUD, 2012, p.145). Hinnerk já apresenta apenas um dos motores em funcionamento, o “do bem” já entrara em colapso há muito tempo. A cultura como “domesticação” do homem, “(...) proteção do homem contra a natureza e a

regulamentação das relações do homem entre si” (ibidem, p.87). No caso de Hinnerk foi a cultura da guerra que animalizou o homem?

Hinnerk encontra Kaas, e depois de um breve diálogo, em que as deficiências de ambos estão em conflito, o ex-combatente aperta o pescoço do garoto de doze anos e facilmente o mata. Em seguida, o assassino encontra o pai do menino, Theodor, com Hannah e estabelecem um diálogo breve e cordial. Hinnerk é o homem que tem medo constante e, por isso, anda sempre armado. É um sobrevivente da guerra. Todos afirmam que ele tem um comportamento estranho e cara de assassino, por isso as crianças o chamam de “o homem”, aquele que assusta a todos. Seu único contato social é Hannah, que o visita e o sustenta. As marcas da guerra ficaram em seu corpo e em sua mente, e ele já não controla suas (re)ações.

Segundo Freud (2012), o sofrimento contempla três conjunturas: “a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças superiores, implacáveis e destrutivas, e, por fim, das relações com os outros seres humanos” (ano, p.63-34). Tanto Mylia, quanto Hinnerk passam por estes três estágios, ela com sua dor constante, suas atitudes fora do controle antes da internação e seu isolamento no hospício e depois deste. Ele, com seu medo paranoico, o seu mundo pós-guerra totalmente desestruturado e o pavor que provoca nas pessoas que o percebem como um Frankenstein contemporâneo. A deficiência de Kaase de Hinnerk despertam piedade e, simultaneamente, horror.

Neste livro, todos estão a procurar algo durante a madrugada. Mylia procura uma igreja. Ernst procura Mylia. Theodor procura uma prostituta. Hannah procura clientes. Hinnerk procura o cliente de Hannah, pois gostou de sua história, quer ser padre, mas não resiste aos instintos sexuais e o ex-militar passa a questionar os próprios desejos a partir dessa situação. Kaas procura pelo pai. Todos enfrentam a noite fria e escura, algo que não está totalmente definido, que não é plenamente consciente. Busca-se o outro e a si mesmo.

O capítulo nono descreve os pacientes do Hospício Georg Rosenberg, em que Mylia e Johana (ex namorada de Klaus no primeiro livro) estão internadas. É o mais conceituado hospital psiquiátrico da cidade, que não esconde o duelo de egos entre os médicos Theodor e o presidente Gomperz. Lá Mylia conheceu Ernest e estabeleceram relações sexuais na frente dos demais. Neste momento, Theodoresquece o que é melhor para a paciente, lembra somente de seu orgulho ferido, e assina o procedimento de isolamento de Mylia por um ano, ao mesmo tempo que pede o divórcio e descobre que ela está grávida do outro. Após o nascimento de Kaas, ela é

esterilizada sem o seu consentimento e, a partir de então, decorrem várias cirurgias com o diagnóstico de morte iminente, o qual não se concretiza. Também Foucault (2010) descreve tratamentos nada aprazíveis como banhos e purgações aos loucos da Idade Clássica.

Os estudos de Theodor descrevem os horrores do Holocausto, a tortura, o isolamento, os assassinatos coletivos, e a partir deles conclui que, durante a guerra, o progresso funciona apenas através dos motores do mal. O curso da história oscilava quanto a sofrer ou fazer sofrer, e as conclusões do médico previram quais países seriam os algozes e quais seriam as vítimas na continuação desse sistema. Dessa forma, a tese do médico foi repelida, seu estudo repudiado e esquecido. Como alerta Foucault (1978), a loucura pode aparecer como a punição cômica dosaber, e diante de tamanha presunção, por querer prever as tragédias humanas de maneira científica, o psiquiatra foi percebido como ignorante, pois “a loucura não está ligada ao mundo ea suas formas subterrâneas, mas sim ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões” (FOUCAULT, 1978, p.29). A insanidade também está entre os indivíduos tidos como sábios, como demonstra a trajetória do psiquiatra obscurecido por seu ego.

Theodor Busbeck teorizou muito sobre o lado negativo das nações, dos seres humanos, mas não deixa de exercer seu poder ao aniquilar Mylia, a jovem esquizofrênica com quem casou por sua livre vontade, e que já sabia que trazia o descontrole junto com sua doença. Sua teoria médica se opunha a sua história individual, seu plano pessoal; há uma grande distância entre sua história acadêmica e existencial.

Theodor acaba como Johana, solitário, lutando entre lembrar e esquecer, encurralado entre o antes e o depois, em um lugar em que mais nada faz sentido, soterrado pela trajetória que não leva a lugar nenhum. “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita” (TAVARES, 2011, p.154).

A violência da realidade distorcida

A última obra da tetralogia inicia com o pai de Lenz, Friedrich Buchmann, levando o caçula para o quarto da empregada, onde ele deve ter a primeira relação sexual com ela na sua frente. Ela não tinha opção de escolha, já está acostumada com a brutalidade, mas o adolescente mantém-se mudo, obedecendo.

Lenz não apenas obedece ao pai sem questionar, tem um sentimento de veneração, quer que o genitor sempre se orgulhe dele, mesmo depois de morto, quer se transformar em uma cópia sua, repetindo as mesmas

frases, tentando imitar seu comportamento. Aprende sem questionar os ensinamentos do pai. Friederich lhe mostrara que na vida é preciso saber se posicionar, estar sempre à frente, sem jamais dar as costas ao adversário.

O médico cirurgião percebe o corpo como um mapa e a arma de defesa é o cérebro. Joseph Walser tem um dedo a menos, e Lenz um dedo extra, invisível, que o auxilia a salvar vidas, com o bisturi a invadir os corpos para restabelecer a ordem perdida. É um combate contra a doença anárquica, o mal funcionamento do corpo como uma imoralidade, com metodologia própria e instrumentos específicos. O corpo realizava a explosão e o doutor Buchmann intervia com a exatidão, com a técnica. Ter a vida e a morte nas suas mãos lhe dava prazer, estava vivo, era rico e forte, essa era a sua competência, por isso, não gostava quando lhe agradeciam pela bondade. Ele não era um homem bom, gostava de humilhar mulheres, prostitutas, adolescentes e pedintes. É a tendência do ser humano ao mal, à agressão e à destruição como explica Freud (2012).

Para ele, o homem era guiado pela razão, pela força e pela vontade e tratava os pacientes como estatísticas, sem nenhuma compaixão. Como a paciente que lhe pede que coloque uma carta ao correio, está morrendo e quer se despedir de seus filhos. Lenz rasga a carta, não é suscetível a essas fraquezas. “(...)Se apenas puder satisfazer algum prazer com isso, não se importará em zombar de mim, me ofender, me caluniar, me mostrar que tem poder sobre mim, e (...) quanto mais desamparado eu for, tanto mais devo esperar esse comportamento de sua parte em relação a mim” (FREUD, 2012, p.121). Para Lenz, o simples fato de estar saudável e mostrar a sua força ao não atender ao pedido da moribunda, de não se apiedar, causa-lhe júbilo.

Maria, esposa de Lenz, é uma mulher passiva, aceita tudo que o marido ordena. Lenz gostava de humilhar os pedintes. Tinha um ritual em que chamava o mendigo para sentar-se à mesa, lia para ele as notícias, oferecia-lhe dinheiro e comida, mas antes de receber os donativos, era obrigado a cantar o hino e observar o médico tendo relações sexuais com sua esposa. Essa necessidade do médico em mostrar-se remete à introdução sexual imposta pelo pai no quarto da empregada, Lenz precisava do olhar do outro durante essa atividade. Repetira essa ação vexatória para com o mesmo mendigo por vários meses. Até sentir-se fascinado pelo louco Rafa, o rapaz que não pudera mais pagar sua estadia no hospital psiquiátrico Rosenberg (o mesmo de *Jerusalém*). Lenz deseja substituir o mendigo por Rafa, mas o desfecho acaba sendo trágico.

Lenz é a personagem que melhor representa a questão do egoísmo, não aceita ser o segundo Buchmann. Não consegue desenvolver qualquer sentimento por seu irmão Albert, que está com um tumor irreversível no

cérebro. Lenz é indiferente ao sentimento alheio, e excluindo-se o culto ao pai e a admiração (misturada a certa responsabilidade) que sente pela secretária Julia, pensa somente em si, sem considerar mais nada, nem ninguém, suas vontades devem prevalecer a qualquer custo.

A parcela de realidade por trás disso tudo, que se prefere recusar, consiste no fato de que o ser humano não é uma criatura afável e carente de amor que, no máximo é capaz de se defender quando atacada, mas que ele pode contar com uma cota considerável de tendência agressiva no seu dote de impulsos. Por esse motivo, o próximo não é apenas um possível ajudante e um possível objeto sexual, mas também uma tentação para se satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apropriar-se de seus bens, humilhá-lo, causar-lhe dor, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus*. (FREUD 2012, p.123-124).

Em consonância com as palavras de Freud, Lenz só se satisfaz diminuindo o outro. Não demonstra emoções pelas pessoas, mas assim como Joseph Walser, uma coisa tem um valor inestimável para o cirurgião: a biblioteca do pai. Essa deixa de ser um objeto, se humaniza como a figura do próprio genitor, sua herança, sua última marca presente. Sentimento avesso ao que depende aos seres humanos. Ignora sua esposa, que é incapaz de lhe desobedecer, e acatou a sua decisão de não ter filhos, pois Lenz queria “estancar a produção dos fracos” (TAVARES, 2008, p.84). Por ele o Reino iria terminar ali. Talvez aqui se encontre o niilismo taviariano, pois nenhuma obra da tetralogia defende a continuação da espécie. A única criança que nasce é Kaas, que dá sequência às deficiências de seus genitores e morre ainda na puberdade.

Lenz, discípulo de Friedrich, assim como Joseph Walser, e outros personagens do *Reino* não criam vínculos, pois “a proteção mais imediata contra o sofrimento que pode resultar das ações humanas é a solidão voluntária, o distanciamento em relação aos outros” (FREUD, 2012, p.65).

É no funeral do seu irmão que Lenz toma uma decisão que poderá aumentar o seu prestígio social: entrar para a política. Queria entender dessa economia que define a hierarquia do mundo. Seu lema maior é que um Lenz jamais poderia sentir medo e fora criado para isso, ou seja, para dominar, impor a sua força.

Quando, finalmente realiza o seu desejo de colocar o louco Rafa na mesma situação que exercia com o mendigo, o homem não aceita somente olhar Lenz tocando sua mulher, é ele quem quer fazer aquilo. Lenz, como

bom caçador, age rápido e, assim que o louco a toca, com a arma de caça mata-o com um tiro na cabeça. Pensa por breves segundos e também atira na cabeça da esposa. Lenz reorganiza os corpos para que sua versão seja creditada, como se montasse um cenário a ser contemplado de cima. Conta à polícia que estava sendo roubado e que Rafa matou sua mulher e, após uma disputa, Lenz o matara em legítima defesa. Aos olhos do povo, seu suposto sofrimento promove ainda mais sua notoriedade política.

Nem se abalara com tal episódio, ele até contribuía para os resultados favoráveis que lhe trouxeram a vice-presidência do partido, mas logo foi acometido pela doença, antes mesmo de ocupar seu posto, sentiu fortes dores de cabeça, e apesar do ex-cirurgião conhecer tão bem o diagnóstico, é incapaz de perceber o mal que lhe acometia silenciosamente, o mesmo que levara Albert. O homem já não é mais o lobo do homem, pois o lobo já não ameaçava ninguém.

Quando os cidadãos da cidade percebem que a morte se aproxima, vão visitá-lo, mas o ex-médico já não se lembra de ninguém, e nos pequenos instantes que a memória lhe visita, fica lendo inúmeras vezes o papel em que Julia escreveu o nome de seu pai, para que possa honrá-lo enquanto viver.

Nessa disputa, a família Liegnitz avançava e acabaria vencendo a última batalha. Lenz calculara errado, não sabia lidar com a fraqueza, com o sofrimento, e cabe a Julia resolver os últimos detalhes de sua vida e ela acabará sendo a sua única herdeira. Lenz pensou que se recuperaria, mas após a análise minuciosa do médico que o estuda com o olhar técnico, preciso, descobre que já não há como vencer, a doença triunfaria. Será que este médico também sente prazer em antecipar a sua morte através de seu domínio técnico, como Lenz já fizera tantas vezes?

Nem para se suicidar Lenz tem mais força, a mão que operara tantas cabeças e estourara duas a bala precisa que Gustav segure a arma, mas o dedo fraco não consegue mais disparar. Por fim, já não controla seus sentidos, morre entregue à doença, meroexpectador, vendo televisão.

Reflexões finais

Gonçalo M. Tavares circula entre múltiplas linguagens, é um escritor que leciona há mais de duas décadas nas Faculdades de Motricidade Humana (Universidade de Lisboa/Portugal), ministrando disciplinas que versam sobre o corpo, a cultura e o pensamento contemporâneo. Formado em Educação Física, sua pesquisa de doutorado envolveu estudos sobre linguagem, imaginação e literatura. E em sua tetralogia, Tavares relaciona

o fazer literário ao estar no mundo, isto é, a literatura pode promover a reflexão sobre o homem na sociedade, que abrange uma perspectiva individual e psíquica, mas também filosófica e sociológica, enquanto interação nem sempre pacífica através dos tempos.

Pedro Quintino de Sousa (2007) relaciona a tetralogia tavariana com uma doutrina filosófica niilista, principalmente pela forma com que Tavares reflete a estética literária alusiva ao Holocausto. Maria Elisa Rodrigues Moreira (2014) ao analisar outra coleção produzida por Tavares, intitulada *Breves Notas*, também percebe a relação do texto tavariano com outros saberes. São diversos os estudos acadêmicos que relacionam a extensa produção de Gonçalo M. Tavares com áreas do conhecimento variadas que refletem sobre a produção artística enquanto pensadora da sociedade contemporânea.

É a partir desta ótica que Miguel Real (2012) classifica Gonçalo Tavares como produtor de textos que desalinham as certezas cristalizadas do leitor, abalroando sua mente e sensibilidade, conduzindo-lhe a interrogações existenciais de natureza social, política, religiosa e ideológica, ampliando assim, o seu horizonte cultural, provocando na mente do leitor uma perturbação estética.

O conteúdo de seus livros revela um alargamento dos limites do horizonte da literatura enquanto trabalho de e sobre a palavra, arrastando o leitor para um novo plano estético. E se o trabalho sobre a palavra pode corresponder a uma inovação estética, esta consolida-se e torna-se definitiva, vingando no estilo próprio do autor, quando a palavra corresponde igualmente a um jogo de ideias sólidas, ideias filosóficas, não apenas manipulações de sentido conotativo, em florões sucessivos ou em torrentes caudalosas de frases sobre frases (uma espécie de cultismo barroco), evidenciando os paradoxos morais de um pensamento lógico aplicado a situações da vida cotidiana e explorado nas suas ambiguidades conclusivas, mostrando tanto ser excessivamente tênue, a linha separadora entre razão e loucura quanto, não raro, ser através das obsessões, paixões, furores, manias, que a razão, ela própria, progride. (REAL, 2012, p.212)

Daí a possibilidade de relacionar a construção do Reino com conceitos chave das obras de Freud (2012) e Foucault (1978), dado que Tavares propõe o desconcerto e a desarmonia do homem que se pretende racional e, no entanto, tem consciência de sua predominante irracionalidade oculta.

Foucault (1978), apresenta o conceito de loucura que vai se modificando desde o Renascimento até a modernidade, em que primeiramente, o louco não tinha direito à pátria, era um eterno escorraçado, viajante da

Nau dos Loucos, cujo pensamento deveria ser totalmente desconsiderado, pois não era capaz de controlar a si mesmo, nem emoções ou ações. No século XVIII, o louco ganha o direito de ser internado e cuidado enquanto ser em estado de patologia.

Tavares em *O Reino* relativiza a loucura, espalhando-a em diversos níveis e em inúmeras personagens. Mylia ainda sofre coerção e maus tratos ao ser esterilizada contra a própria vontade e Catharina é uma insana que se auto-flagela enquanto revela lúcida compreensão sobre a situação da guerra.

Se no século XVII (Foucault, 1978), a loucura ainda é caracterizada enquanto a incapacidade para integrar-se ao grupo, os personagens menos sociáveis seriam Joseph Walser por sua total ineficiência de interação com o outro, e também Lenz Buchmann por sua incapacidade de perceber alguém além de si mesmo.

Foucault (1978) também ressalta que o internamento significava a eliminação dos associáveis do convívio em sociedade. E esta reclusão segue ativa na modernidade da tetralogia para Johana, Mylia, Rafa, reclusos por anos no Georg Rosemberg, cujo diretor tentava dominar as ideias mais íntimas dos pacientes, a perguntar constantemente no que estavam pensando.

Era uma tentativa de controlar também os costumes, que se fossem inapropriados, deveriam ser punidos, como ocorreu com Mylia, incapaz de pertencer ao grupo pela perturbação moral que causava ao assumir publicamente seus desejos sexuais. E Lenz, não mereceria uma punição sob este mesmo ângulo de análise? A razão em contraponto à loucura, tanto em Foucault (1978) quanto em *O Reino* não possuem limites tão definidos e perpassam também a questão político-social de pertencer ou não a uma classe mais privilegiada economicamente, no caso, o renomado psiquiatra Lenz Buchman garantiria seu atestado de sanidade através de suas finanças tão bem-sucedidas.

Um louco que cometesse um crime era inocentado pelos juízes da idade clássica, de acordo com Foucault (1978), então, dessa forma, tanto Hinnerk quanto Lenz e Ernst poderiam ser absolvidos, se fossem diagnosticados. Mylia, ao contrário dessa suposta absolvição, foi a mais punida, quando furiosa foi internada, ao assumir seus desejos sexuais em público foi esterilizada e banida do convívio com o filho, depois ficou à espera de uma morte que nunca chegou, pagando reclusa por um crime que não cometeu.

Tanto Foucault (1978) quanto Freud (2012) retratam que a civilização também favorece o desenvolvimento da loucura. Tavares evidencia essa possibilidade no egocentrismo extremista de Lenz, no comportamento reativo de Hinnerk. Se a pulsão de vida e de morte trabalham concomitantemente (FREUD, 2012), no ex-combatente traumatizado, apenas o impulso

da morte o guiava, ou ainda o instinto de preservação da própria vida, pois já que não sabe controlar o próprio medo, de perseguido passa a perseguidor e quer eliminar qualquer um que lhe cause desconforto.

A tetralogia tavianarompe com a ilusão de que o homem moderno é totalmente bom, racional, evoluído e civilizado. Este seria o primeiro passo para uma reflexão social e histórica de conflitos e barbáries que ocorrem no espaço da guerra, trazendo inúmeras consequências. Dessa forma, justifica-se a necessidade de se pensar na agressividade humana, que pode causar o mal-estar a partir da agressividade da cultura ou da civilização como propõe Freud (2012). E a partir deste contexto que a literatura necessita ser crítica, aliando-se a outras linguagens e favorecendo, assim, a reflexão sobre o cenário contemporâneo pós-Auschwitz como já propunha Adorno.

REFERENCIAS

- ADORNO, Theodor. “Educação após Auschwitz”. Em: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- ANGELINI, Paulo Ricardo Krlaik. *Sobre um mundo em ruínas*: José Saramago e Gonçalo Tavares em diálogos simbólicos. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013, disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_899.pdf, acesso em 02 mai 2016.
- BENJAMIN, Walter “Robert Walser”. Em: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987
- BRITO, Sandra Beatriz Salenave de. Algumas notas sobre o processo criativo de Gonçalo M. Tavares. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2014. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/46940/30161>
- _____. O Reino de Gonçalo M. Tavares e a voz dos silenciados no espaço da guerra. *Grau Zero: revista de crítica cultural*. Bahia, v. 3, n. 1, jan.-jun. 2015. Disponível em <http://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/2101/1442>
- CARVALHAL, Tania. *Literatura comparada*. São Paulo, Ática, 2004.
- FLÁVIO, Lúcio. Folha de São Paulo. Criação em 21/04/2014. Para Gonçalo M. Tavares, ‘escrever é uma necessidade orgânica. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1443433-para-goncalo-m-tavares-escrever-e-uma-necessidade-organica.shtml> . Acesso em 28/04/2014.

- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo : Perspectiva, 1978.
- FREUD, Sigmunt. *O mal estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.
- GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre; L&PM, 1999
- GOMES, Maurício. *Kafka e Tavares: notas sobre a barbárie civilizada*. **Cisma**, v.1,n. 1, p. 7-18, 2012. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cisma/article/view/51571>, acesso em 01 de fev.2016
- KARL, Marx. *Trabalho assalariado e capital e salário*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. *O texto fronteiro de Gonçalo M. Tavares*. Revista da Anpoll nº 36, p. 420-434, Florianópolis, Jan./Jun. 2014, p.420-434.
- NEVES, Márcia Seabra. Gonçalo M. Tavares, Leitor de Michel Foucault: Loucura e Animalidade. **Diacrítica**, Braga , v. 28, n. 2, p. 225-240, 2014 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200015&lng=pt&nrm=iso>acessos em 01 jun. 2016.
- PINTO, Madalena Pinto. *Gonçalo Tavares: o filho mais desenvolvido de Álvaro de Campos?* **Abril**, v.3, n.4, disponível em www.revistaabril.uff.br/index.php/revista-abril/article/download/224/162, Acesso em 01 abr.2016
- REAL, Miguel. *O Romance Contemporâneo Português (1950-2010)*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2012.
- SOUSA, Pedro Quintino de. *Literatura e filosofia: uma leitura dos romances de Gonçalo M. Tavares*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, 2007. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/262>
- TAVARES, Gonçalo M. *Um homem: Klaus Klump*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *A máquina de Joseph Walser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Jerusalém*. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Aprender a rezar na Era da Técnica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- TERRON, JocaReiners. Ler para ter lucidez. Revista Entrelivros, São Paulo, n.29, 2007. Disponível em <http://www2.uol.com.br/entrelivros/>

artigos/entrevista_goncalo_m__tavares_-ler_para_ter_lucidez-.html.

Acesso em 02/05/2014.

TRIGO, Luciano. Rede Globo, blog Máquina de Escrever. Criação em 09/02/2014. Gonçalo M Tavares, “O meu trabalho é iluminar palavras.” Disponível em <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2014/02/09/goncalo-m-tavares-o-meu-trabalho-e-iluminar-palavras/> Acesso em 29/04/2014.

VICTOR, Fábio. “Português Gonçalo M. Tavares fala sobre maldade, Saramago e Brasil. Folha de São Paulo, 17/07/2010, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/07/767901-portugues-goncalo-m-tavares-fala-sobre-maldade-saramago-e-o-brasil.shtml?mobile>. Acesso em 03/05/2014

O peso e a leveza de Gonçalo M. Tavares. Disponível em <https://embomportugues.wordpress.com/2009/12/31/o-peso-e-a-leveza-de-goncalo-m-tavares/>

31/12/2009